

A RELAÇÃO ENTRE O DESENVOLVIMENTO DAS TEORIAS DA EDUCAÇÃO, O PENSAMENTO EXPRESSO PELA COMUNIDADE ESCOLAR, E A EFETIVA PARTICIPAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CURITIBA

Robson Ari da Costa¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar a origem e efeitos das forças sociais atuantes numa escola, tendo como objeto da pesquisa, a passagem dos princípios educacionais pelo professor. Constatou-se que a expedição de instrumentos legais, para a alteração do quadro educacional brasileiro, tem levado a mudanças nas escolas que não se refletem na melhoria dos índices e do seu ambiente. Não atuando na direção esperada, as ações superiores devem ser alteradas e, positivamente, existem movimentos nesta direção, como o pensamento da municipalização ou aproximação da administração escolar de suas bases locais. A obra *Aprender como autor*, de Demo (2015), foi escolhida como referência por conter posição já sedimentada, de ensino como pesquisa, seguindo as escolas críticas, mas incorporando práticas e conceitos de outras escolas clássicas, efetivas para se chegar à boa aprendizagem. A teoria educacional fornece teorias as mais diversas para a escolha dos dirigentes educacionais que, seguindo a metamorfose dos pensamentos de Bourdieu (2014) e Freire (2015), mostram a possibilidade do avanço das teorias. Aparentemente, as direções flexibilizam as teorias e tentam implementá-las conjuntamente, trazendo a esperança para os corpos escolares. A administração escolar deve focar seus esforços na aplicação dos valores que redundem em boas práticas, já verificadas, indicando que muitas soluções estão próximas às escolas, aguardando oportunidades.

Palavras chave: Educação. Valores. Forças Sociais. Autonomia. Sala de aula.

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE DEVELOPMENT OF EDUCATIONAL THEORIES, THE THINKING EXPRESSED BY THE SCHOOL COMMUNITY, AND EFFECTIVE PARTICIPATION IN A PUBLIC SCHOOL IN CURITIBA.

ABSTRACT

The goal of this article was to analyze the origin and effects of social forces acting on a school, being the object of research the passing of educational principles through the teacher. It was found that the expedition of legal instruments to change the Brazilian educational scope has been leading change in the schools, which is not reflected on improving indicators and its environment. As they are not acting as expected, superior actions must be changed, there are movements in that direction, as the question of municipalization or bridging the gap between local based school administration. The piece of work *Aprender como autor*, from Demo (2015) was chosen as reference for containing an already consolidated position regarding education, such as research according to schools of critical thinking, but also incorporating practices and concepts from other classical schools, effective for implementing good learning. Educational theory provides the most diverse theories for choosing educational leaders, which according to a metamorphosis of the thoughts of Bourdieu (2014) and Freire (2015), show the possibility to advance those theories. Apparently, the directions turn theories flexible and try implementing them collectively, bringing hope to the teaching staff. School administration should focus their efforts in applying values that lead to good practices, signaling that there are many solutions close to schools, awaiting opportunity.

Keywords: Education, Values, Social Forces, Autonomy, Classroom.

¹ Robson Ari Da Costa: Doutor em Educação - Universidad de Desarrollo Sustentable, 2020. E-mail: robsonerinel@uol.com.br

LA RELACIÓN ENTRE EL DESARROLLO DE LAS TEORIAS DE LA EDUCACIÓN, EL PENSAMIENTO EXPRESADO POR LA COMUNIDAD ESCOLAR, Y LA PARTICIPACIÓN EFECTIVA EN UNA ESCUELA PÚBLICA EN CURITIBA.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el origen y los efectos de las fuerzas sociales activas en una escuela, teniendo como objeto de investigación, el paso de los principios educativos por el profesor. Se constató que el envío de instrumentos jurídicos, para el cambio del marco educativo brasileño, ha dado lugar a cambios en las escuelas que no se reflejan en la mejora de los índices y su entorno. Al no actuar en la dirección esperada, se deben cambiar las acciones superiores y, positivamente, hay movimientos en esta dirección, como la idea de municipalización o aproximación de la administración escolar de sus bases locales. La obra *Aprende como autor, demo* (2015), fue elegida como referencia porque contiene una posición ya establecida, enseñando como investigación, siguiendo escuelas críticas, pero incorporando prácticas y conceptos de otras escuelas clásicas, eficaces para llegar a un buen aprendizaje. La teoría educativa proporciona las más diversas teorías para la elección de líderes educativos que, siguiendo la metamorfosis de los pensamientos de Bourdieu (2014) y Freire (2015), muestran la posibilidad de promover teorías. Aparentemente, las instrucciones hacen que las teorías sean más flexibles y tratan de implementarlas juntas, trayendo esperanza a los cuerpos escolares. La administración escolar debe centrar sus esfuerzos en la aplicación de los valores que resultan en buenas prácticas, ya verificadas, lo que indica que muchas soluciones están cerca de las escuelas, a la espera de oportunidades.

Palabras clave: Educación. Valores. Fuerzas Sociales. Autonomía. Aula.

INTRODUÇÃO

A Educação que sempre preparou para a vida, como um todo genérico, para entender e dar a capacidade de aprender constantemente, dominar o conhecimento tecnológico para realizar até os pequenos atos do dia a dia, como acessar informações do mundo e capacitar para o trabalho, hoje se torna uma necessidade muito mais ampla. Deve operar equipamentos eletrônicos, abrir aplicativos, além da educação geral que não se destaca, mas, sim, vem em conjunto com as técnicas, amálgama fundamental para avançar através dos níveis escolares. Pedro Demo afirma que “com as novas tecnologias, habilidades tecnológicas digitais fazem também parte da alfabetização” (2015, p. 58).

Não basta saber ler, escrever e contar, a criança deve saber ademais, acessar a informação e fazer informação, para conseguir viver bem em um universo cibernético presencial e virtual, em que as máquinas estão em todos os lugares e as mudanças com seu progresso, se dão em curtos espaços de tempo e não a cada década ou século.

Não mais existe um pano de fundo de conhecimento tecnológico, sobre o qual aparecem lentamente as mudanças, elas ocorrem em termos de anos, meses, dias. Neste ambiente de mudanças, atuam as organizações encarregadas de orientar o ensino, funcionando através de estruturas instaladas conforme normas gerais. O Sistema Nacional de Educação apresenta um conjunto de normas, órgãos e departamentos que se espalham internalizando sua ação para

todos os subsistemas no território brasileiro, recebendo, concomitantemente, o influxo das vontades comunitárias expressas pelos diversos atores atuantes nas escolas.

Assim, a prática profissional nas escolas encontra-se em dificuldade para a chegada a um consenso dentro do país, sobre quais e como implementar os princípios expressos na legislação; dificuldade essa, unida às tremendas mudanças nas comunicações e meios de transporte, que aproximaram a tudo e a todas as pessoas, lhes alterando as formas de se relacionar e de pensar; formas cuja prospecção buscou-se através de entrevistas, observações, bibliografia e imagens, que tornaram próximo seu entendimento.

A ESCOLA ENCONTRADA

As alterações observadas para melhorar a aprendizagem, geralmente, trazem inclusa a pretensão de ‘consertar’ a educação e, neste século XXI, além das variações de objetivos intermediários, metas e meios envolvem novidades tecnológicas que transformam os conteúdos e a sua abrangência, levando a quase uma revolução constante.

Mesmo a ortodoxia, em ampliação internacionalmente (TEODORO; JEZINE, 2012), apresenta-se em evolução, exigindo de todos Leitura/Escrita e Matemática, com a criação de índices de performance que indicam padrões alcançados ou não (BNCC e PISA). Em princípio, mostram-se como bases de ensino meritórias, visando a todos os alunos, o princípio de equidade. Mas, não se vê o interesse pelos aspectos não cognitivos da aprendizagem, que estão fora dos currículos e não são pesquisados pelos índices: lazer, brincadeiras, corridas pelos campos, inocência, perseverança, honestidade, respeito, tempo livre (SAYÃO, 2016, p. 196).

A escola em seu avançar está esquecendo que existe a infância e a adolescência, que exigem liberdade. Até agora, não se sedimentou o que é o progresso educacional, pois as demandas são fragmentadas e não uníssonas, envolvendo toda a gradação: o sistema, a escola, o pessoal, a sala de aula. E entender as classes e as maneiras de como as mudar para melhor é uma das dificuldades para a evolução da educação: como ver o interior da sala de aula?

As iniciativas são mais ambiciosas, mais abrangentes e mais difíceis. Devido à forte natureza aplicada desse trabalho, as visões são mais robustas e mais precisas. A teoria e a prática estão mais fundidas, para benefício de ambas. Ainda não quebramos o código de como ir **além da porta da sala de aula** em uma escala ampla, mas as questões são mais intrigantes e as forças mobilizadas nessa busca são mais poderosas e cada vez mais difíceis de ignorar (FULLAN, 2009, p. VIII). Grifo nosso.

As mudanças, quanto à profundidade, podem ser de estruturas, ou de procedimentos pessoais. A mudança de estruturas geralmente se dá com alterações das instituições, órgãos e construções obtidas por determinação das hierarquias existentes no estado. As mudanças pela forma de agir, se dão pela ação individual diferenciada, buscando a alteração do *status quo*

mediante o somatório das ações pessoais alternantes, redundando em mudanças profundas. Estas alterações podem efetivar-se no campo técnico (obter capacidade de fazer), no campo cultural (efetivar o saber), no campo político (conseguir o desejar fazer dos participantes) e, por fim, em qualquer campo, mas dentro das possibilidades existentes (tempo para fazer):

A pluralidade e as necessidades de nossas escolas pressupõem dois aspectos básicos: a competência e a coragem de fazer. Ambos caminham juntos e se impulsionam mutuamente. É preciso criar espaços, na esfera da escola, para os profissionais se sentirem desconfortáveis com seu fazer, com a mesma intensidade como têm se sentido com as instituições e órgãos superiores. A insatisfação consigo mesmo propicia o repensar, o reconstruir (RESENDE, 2009, p. 10).

A visualização e descrição da Política Educacional Brasileira e do Sistema Educacional Nacional, como se depreende durante este estudo, depende do ponto de vista de cada autor, de seu posicionamento político e varia com a concepção de educação que abraça. As mesmas estruturas são percebidas de diferentes modos.

A educação encontra-se mergulhada em um debate entre diferentes valores, tecnologias e pensamentos, com a interpenetração das sociedades locais, nacionais e internacionais, devido ao grande desenvolvimento das comunicações, onde, em todos os momentos, lidamos com eles ou por eles somos influenciados. Não se pode fugir das diferenças de interpretação dos acontecimentos, pois a teoria e suas discussões chegam ao empírico com o qual devem conversar, levando a que se encontrem professores com diferentes formas de atuação dentro de um mesmo espaço escolar.

Esta situação, de a realidade virtual alcançar o dia a dia de todos, levou-nos a indagar sobre a integração da cultura digital à educação, a posição atual e as possibilidades avistadas para a sala de aula:

Que educação deve ser pensada para as gerações ‘conectadas e interativas’? Que tipo de profissional vai dar conta de ensinar as gerações que chegam à escola já tendo recebido desde a mais tenra idade um mundo editado pelos meios de comunicação de massa e as mais avançadas tecnologias de informação e comunicação (AREU, FOFONCA, 2014, p. 12)?

O conhecimento do meio em que se dá o trabalho educacional, quanto mais aprofundado, mais possibilita o planejamento antecipado de ações ou prevenção de efeitos que podem ser esperados, em cada circunstância ocorrente nas escolas. Conhecer as políticas educativas nacionais, o Sistema Educacional e seu grau de efetividade, por si já propicia a melhor capacidade de gerir seu movimento nas direções desejadas, mas se estendemos este estudo (como se fez), para a descrição do mundo visto pelos professores e alunos, a partir de seus pontos de vista, a discussão NEUTRALIDADE X IDEOLOGIAS X AUTONOMIA dos

professores, os meandros da chamada globalização, similarmemente conhecida como ‘Nova Ordem Mundial’, verificamos que, nas decisões educacionais internas, ‘forças’ externas atuam, que devem ser identificadas e entendidas para obtermos a gestão educacional consciente, como Kenichi Ohmae propõe em *O fim do estado-nação*:

Acredito firmemente que, enquanto os antigos princípios continuarem moldando a política, nem mesmo a melhor execução e implementação conseguirá eliminar o hiato de um século entre intenção e resultado. Nada conseguirá eliminá-lo. Os próprios princípios têm de mudar (OHMAE, 2000, p. XV).

Ao lado das propostas e alterações da realidade vivenciada pelas sociedades, percebe-se, na evolução das teorias educacionais, o prenúncio de um movimento helicoidal, em que elas passam por posições anteriormente estabelecidas, mas com alguns deslocamentos para novos direitos e objetivos. Não se abandonam as conquistas das teorias anteriores, evoluindo-se pelo acréscimo de pensamentos inovadores sobre elas.

As teorias de educação (concepções) são entendidas, neste estudo, como um conjunto de hipóteses que formam um sistema racional de conceitos e proposições com a finalidade de explicar a lógica de fatos (SANTOS, 2016, p. 102).

São percebidas, como veremos, nas ações e posições dos doutrinadores, nem sempre de forma pura, mas como uma mescla delas, o que leva a um embate de ideias entre eles. As escolas, como células iniciais da formação das organizações educacionais maiores e mais complexas, criam com seu funcionamento uma cultura advinda do conjunto daqueles que a formam interna e externamente, adquirindo características próprias, apesar de pertencerem à rede nacional.

Estas teorias podem ser divididas em dois grandes grupos, as teorias não críticas ou liberais e as teorias críticas ou progressistas. As teorias não críticas encaram a educação como a integração de todos à sociedade, considerada acabada. As teorias críticas ou progressistas, consideram a educação intimamente ligada à estrutura social, devendo atuar para alterá-la, com a inclusão de todos.

As teorias não críticas, foram trabalhadas (Pedagogia Tradicional: Pedagogia Nova ou Renovada; e Pedagogia Tecnicista), e sobre elas foram estabelecidos novos pensamentos:

Portanto, o aparelho escolar contribui, pela parte que lhe cabe, para a reprodução das relações capitalistas. 1- Contribuindo para reproduzir materialmente a divisão em classes. 2- Contribuindo para manter, isto é, para impor as condições ideológicas da relação de dominação e submissão entre as duas classes antagônicas (BAUDELLOT; ESTABLET, 1971, p. 287).

Assim, sobre a estrutura não crítica, foram erigidas as teorias críticas reprodutivistas (Teoria do sistema de ensino como violência simbólica: Teoria da escola como aparelho ideológico do estado: e a Teoria da escola dual), que são as teorias que consideram a educação ligada diretamente à sociedade e aos seus condicionantes.

Sobre as teorias críticas reprodutivistas, desenvolveram-se as novas teorias críticas: Pedagogia Libertária; Pedagogia Libertadora; Pedagogia Histórico-crítica.

Estas novas teorias, ao lado da forte ligação da educação com a sociedade (valor advindo da Teoria Crítica Reprodutivista), acreditam no seu poder de transformação social, que ao favorecer a conscientização dos estudantes lhes dão condições de atuar sobre ela.

Teorias críticas de educação são aquelas que percebem a relação entre a educação e a sociedade. Dando um passo além do que propunham as teorias crítico-reprodutivistas, defendem que embora a escola seja condicionada pelos aspectos sociais e políticos, contraditoriamente, existe nela um espaço que aponta a possibilidade de transformação social (SUHR, 2012, p. 138).

A favor da ideia de avanço da educação como aprimoramento das teorias pré-existentes, há recente discussão na educação brasileira, cujo patrono é Paulo Freire (Teoria libertadora), sobre o retorno de alguns valores de teorias mais antigas (conteúdos clássicos, municipalização, desburocratização) defendidos, principalmente, pela Pedagogia Nova. Esta troca de ideias tende a espriar uma nova visão para as escolas, em princípio, alterando as posições oficiais na direção do ensino prático para a vida, com a aproximação da escola de suas bases. Neste sentido, as palavras do Ministro da Educação Brasileiro:

Ora, essa tarefa de refundação passa por um passo muito simples: enquadrar o MEC no contexto da valorização da educação para a vida e a cidadania a partir dos municípios, que é onde os cidadãos realmente vivem [...] Aposto para o MEC, numa política que retome as sadias propostas dos educadores da geração de Anísio Teixeira, que enxergavam o sistema de ensino básico e fundamental como um serviço a ser oferecido pelos municípios, que iriam, aos poucos, formulando as leis que tornariam exequíveis as funções docentes (RODRIGUES, 2019, p. 1).

A sociedade escolar, espécie de sistema, não recebendo o fornecimento de novos saberes (*input* = discussão), tem seu funcionamento apenas com os elementos já conhecidos (verdades pré-concebidas), resultando na saída de formandos sem capacidade de reflexão, pois não expostos a novas ideias e diferentes verdades. Ocorre aqui espécie de cibernética dos sistemas sociais, que realimentada com novas opiniões e posições leva a novos patamares de inteligência e conhecimento, continuamente. Jean-Marie Guyau descreve a sala de aula como o local onde se dá a apresentação ou sugestão de novos sentimentos e emoções, que levam ao balanceamento

da carga hereditária, com a qual se nasceu. As novas aprendizagens carregam grande poder de modificação dos seres:

Assim, os estudos recentes sobre o sistema nervoso serão apropriados para corrigir preconceitos nascidos da ciência por meio de uma ciência mais completa (a Ciência avança passo a passo). A sugestão, que cria instintos artificiais capazes de contrabalançar os instintos hereditários, e até sufoca-los, constitui um novo poder, comparável à hereditariedade. Ora a educação é, segundo pensamos, um conjunto de sugestões coordenadas e racionadas (GUYAU, 2015, p. XVIII)

Dentro desta sociedade em evolução, a gestão participativa tem trazido todos os interessados na educação para dentro da escola, nas reuniões, festas, associações, e conselhos escolares. Aos poucos, em espécie de aprendizado, aproximam-se das salas de aula, onde se dá a ação específica da escola, o ensino, desde sempre reservada para os professores e os alunos, pois exige o conhecimento pedagógico e a vontade de aprender:

O que as diretoras cobram das mães é algo muito mais difícil e complexo, pois relaciona-se com os aspectos pedagógicos do funcionamento escolar, como é o caso do acompanhamento do estudo dos filhos. É claro que em nenhum momento é previsto que esse acompanhamento seja feito de forma crítica. De qualquer maneira, o que acontece é que a escola impede que os pais opinem sobre os aspectos que lhe são mais familiares, ao mesmo tempo que espera que colaborem no terreno sobre o qual eles se mostram mais inseguros (CAMPOS, 2016, p. 372/373).

Mas, tal fato não evita que os responsáveis não técnicos pela educação (pais, parentes, associações, amigos da escola) adentrem este momento fundamental, não só indiretamente, participando das decisões políticas, mas também fiscalizando e propondo soluções ou mudanças, dentro de suas capacidades e possibilidades, podendo mesmo, se necessário, adentrarem as classes para ajudar o professor, como auxiliares de sala, intérpretes, líderes de bate-papos ou em outra função que o mestre lhes outorgue, necessite ou solicite (muitos pais são médicos, escritores, políticos...):

Os relatos mostram que as mães chegam a arranhar a questão pedagógica apenas em alguns aspectos: reclamando das faltas e atrasos dos professores, eventualmente percebendo que o ensino está fraco. Pode-se supor que o amadurecimento de uma experiência de interação coletiva com a escola teria condições de levar grupos da população a desenvolverem uma consciência crítica em relação ao conteúdo da ação escolar (CAMPOS, 2016, p. 373).

A heterogeneidade das turmas transfere-se para fora, encontrando-se seus reflexos nas atividades externas e na participação de seus familiares nos colegiados e entidades parceiras. Estes parentes das crianças atuam em diversos setores, prestando apoio e serviços

indispensáveis, que terminam implicando melhor funcionamento da estrutura e sistema escolar, e algumas destas atividades dos pais parecem gerar, ao lado do efeito material (limpeza, organização, meios...), a maior progressão intelectual dos jovens e crianças:

Então o que tudo isso diz a respeito da importância dos pais em geral? Se você é inteligente, trabalhador, instruído, ganha bem e está casado com alguém igualmente privilegiado, seus filhos têm grandes chances de se dar bem na vida. Porém não se trata tanto do que você **faz** como pai, mas de quem você é. [...]. Os pais realmente instruídos, bem-sucedidos e saudáveis tendem a ter filhos que se saem bem na escola (DUBNER; LEVITT, 2005, p. 180).

Observando as experiências de sucesso no Brasil (soja, aviação...), extrai-se alguns fatos básicos necessários, que juntos são suficientes para melhorar as circunstâncias em que ocorrem, levando ao progresso geral. Tais fatos são: a existência de homens dispostos ao trabalho e à inovação; a produção de conhecimento na área enfocada (ciência); a existência de campo de aplicação/consumo dos bens e serviços produzidos; apoio à iniciativa individual, riqueza de ação insubstituível, devendo ser incentivada:

O planejamento estratégico da escola e o planejamento pedagógico da sala de aula, em países em que a educação é pensada de maneira realista e objetiva, constitui roteiro de ações detalhadas, plano de trabalho essencial, projeto que quebra a nociva individualidade do ensino em que cada professor faz o que acredita correto e, mesmo estando certo, suas intenções se estiolam pela ausência de uma visão sistêmica (ANTUNES, 2015, p. 39).

Esta existência de diversas correntes de pensamento vai de encontro à existência de contextos variados, o mais possível. Estes contextos exigem ou uma escola polivalente, ou escolas com direcionamento para contextos específicos, duas possibilidades que não se excluem mutuamente, antes, podem conviver ou até interpenetrar-se, perfazendo colégios com linhas pedagógicas envolvendo várias ‘pedagogias’, conforme a necessidade ou escolha.

As diferenças entre as escolas em outras pesquisas levam à consideração do efeito sala de aula, ao lado do **efeito escola**, a efetiva influência da escola sobre as ações, evolução e pensamento dos alunos durante a sua progressão:

Naturalmente, os gráficos a seguir, ainda que sugestivos, não podem ser interpretados como relações causais. A esse respeito existem inúmeros estudos nacionais e internacionais que documentam tal causalidade. É curioso notar uma clara correlação entre as condições educacionais, e a prevalência de mortes violentas, conforme ilustrado no gráfico (IPEA; FBSP, 2018, P. 12).

Todos os indicadores pesquisados (gravidez na adolescência, renda, emprego, habitação...), atuam no sentido da diminuição da violência, se implementados positivamente,

mas a educação sobressai como indutora direta da diminuição da violência e também da melhoria dos outros indicadores verificados.

Com uma variação da taxa de violência, 6 vezes superior à variação da porcentagem de crianças na escola (para cada 1% de crianças na escola, se diminuem 6 pontos na violência), a educação apresenta-se como a mais forte ação indutora da paz na sociedade, para cada ponto percentual de aumento da frequência escolar, temos um rebaixamento de seis pontos no índice de violência (cálculo efetuado com os dados do gráfico abaixo por interpolação, entre 15% e 30% de atendimento escolar), com o resultado repetindo-se aproximadamente nas demais faixas etárias e diferentes indicadores constantes do atlas.

Vê-se que o estudo da educação direcionado a seus problemas, com propostas de solução (metas, objetivos, ações), se dão de forma ampla, por estudiosos do assunto, por órgãos estatais, e de forma independente, por comunidades, ong's e gestores escolares em geral.

Gráfico 1: relação atendimento escolar X violência



Fonte: IPEA; FBSP, 2018, p.12.

Ao lado do estudo das transformações das escolas, de pensamento e da realidade no ensino brasileiro, foi visitada uma escola de periferia da Cidade de Curitiba, onde encontraram-se princípios atuando de forma dinâmica, em diversas direções. Os dados obtidos pela observação realizada, mostraram a passagem das ações pedagógicas entre os diversos atores educacionais, passando pelos professores, inspetores, chegando ao setor pedagógico, e recaindo sobre a direção (solicitação de ajuda, verbal ou por mensagens), indicando que os meios

institucionais de enfrentamento a acontecimentos inesperados, não são totalmente efetivos na mudança dos comportamentos desejados, para os alunos.

Tal falta de coordenação entre as ações dos diversos atores, foi superada pela ação criativa da Direção, que em conjunto com a equipe pedagógica, procedeu à abertura da escola à ação individual dos pedagogos, muito próximos no dia a dia dos alunos (salas individuais por andar), e à ação de uma pessoa externa ao corpo escolar, que permanece à disposição da comunidade escolar, que por falta de melhor denominação chamaremos de ‘Assistente psicossocial’, que permanece em sala de assistência, recebendo qualquer um que vá até ele, ou a ele seja encaminhado.

Esta figura, inexistente no quadro estrutural da escola, se autodenomina Capelão Escolar, atendendo livremente, com formação de fundo religioso, mas não preponderante em sua atuação (observação). Com a atuação de pessoa extraquadro, institucionalizou-se nesta escola de bairro, a livre participação de pessoas da comunidade (pais, parentes, associações, amigos da escola).

Verificou-se aqui a possibilidade prática da participação, não só indiretamente, mas participando das decisões políticas, mas também fiscalizando e propondo soluções ou mudanças, dentro de suas capacidades, podendo mesmo, se necessário, adentrarem as classes para ajudar o professor, como auxiliares de sala, intérpretes, líderes de bate-papos ou em outra função que o mestre lhes outorgue, necessite ou solicite (muitos pais são médicos, escritores, políticos...). Abriam-se novas possibilidades para os responsáveis não técnicos pela educação.

A simples existência de pessoas próximas e meios de comunicação (cantinho *antibullying*, Setores pedagógicos em cada andar), de fácil acesso em momentos de necessidade, dá indicação de sentimento de acolhimento dentro da organização escolar. Verifica-se a utilização dos meios de atendimento existentes, com a circulação de alunos livremente pelo ‘pedagógico’ e sala de atendimento.

A inexistência de fatos graves no dia a dia escolar mostra, em seu silêncio, a efetividade na constatação, acompanhamento e prevenção de acontecimentos pelo sistema de atendimento existente (bullying, suicídio, depressão...). Portanto, o cuidado com a internalização de valores para o sistema escolar é da maior importância, devendo ser aprofundado. Neste sentido, foram detectados dois problemas ocorrendo nesta passagem dos princípios comunitários para a escola: a pulverização, que é a dissolução do princípio em inúmeros subprincípios, sujeitando-o a interpretações diversas da que seria dada ao princípio intacto, em sua conotação legítima.

Foi localizada a contraposição frontal de um princípio utilizado na escola – meritocracia – presente no PPP da instituição e os princípios de relação com os alunos que não atingem o patamar esperado. Para Suhr (2012):

A escola-criada para transmitir aos jovens os conhecimentos necessários à vida em sociedade, vive um período de dificuldades sem precedentes, pois não há clareza sobre o que dela se espera (seu papel). Por isso mesmo, essa instituição age sem muita clareza, por vezes na direção oposta da educação de qualidade, atendendo a demandas conflitantes (SUHR, 2012, p. 20).

Algumas explicações lógicas, dos que escreveram sobre os sistemas educacionais, são completamente consistentes quando analisadas dentro da imagem que eles montaram, mas ao comparar com a realidade ou com as idealizações de outros pensadores, as estruturas não estão em sintonia com a observação. Este paradoxo, consistência interna X incoerência externa foi observado para a verificação e explicação de ocorrências e formas de atuação no sistema educacional. Ao percorrer os estudos antecedentes sobre os princípios e a gestão escolar, visualiza-se a incapacidade de a escola atual dar respostas rápidas e efetivas, como também Rosa descreve:

A imobilidade das escolas em responder às mudanças externas é a raiz da maior parte dos problemas delas. Toda escola precisa desenvolver um sistema de observação que lhe permita perceber as mudanças de ambiente e usar sua capacidade de compreensão do significado das mudanças, e atuar sobre elas para o seu sucesso. Se a concorrência é mais flexível, ela é que sobreviverá. A escola não pode ser preservada como é, ela precisa manter-se útil para os seus clientes/consumidores, e isso só se consegue acompanhando as mudanças (ROSA, 2004, p. 112).

A teoria da administração contingente (reagente), foi a forma de atuação, utilizada pelo administrador operacional (diretor), que assim adquiriu a condição de alterar suas estruturas, conforme as necessidades que, hoje, mudam a todo momento. A organização flexível, com estrutura alterada pelo Diretor da escola, pode atuar criando grupos de trabalho, comitês, cargos específicos para cada situação enfrentada, envolvendo pessoal interno ou externo, com atribuições específicas e temporárias, para agir segundo o estudo de situações, inspeções, relatórios, identificação de problemas, necessidades, aceitar indicações das organizações voluntárias da sociedade (bairro, religiosas, educacionais, profissionais, comerciais...):

A adhocracia (Ad hoc: para este fim) significa uma estrutura flexível capaz de moldar-se contínua e rapidamente às condições ambientais em mutação. Essa organização temporária – que se agrupa e se dissolve, que se modifica e se altera a cada momento – haverá a exigência de maior volume de informações dentro de um ritmo mais rápido, o que derrubará a hierarquia vertical típica da burocracia. Os sistemas devem ser temporários, adaptáveis e capazes de

mutações rápidas e substanciais, de acordo com as necessidades (CHIAVENATO, 2014, p. 421).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na observação da escola, os princípios encontrados são bastante expressivos quanto à sua aplicação nas operações de administração e mediação, indicando a grande ligação dos entrevistados com a parte operacional da escola, mostrando nas falas, os efeitos do contato direto com a realidade física e relacional das escolas. A simples leitura dos princípios, mostra que são em sua maioria princípios adaptados à implementação dos valores no ambiente escolar, bem diferente de princípios ‘teóricos’. São princípios ‘práticos’ destinados a cruzar as estruturas do estabelecimento educacional e à execução do ensino.

As consultas e estudos realizados, que geraram a superfície linguística a ser trabalhada, deram-se em meio altamente ideologizado, com defesas e ataques ‘velados’ constantes dos achados observados. A escola encontra-se hoje gravemente politizada, com indicações eleitorais para seus principais cargos diretivos, e inclusive para suas associações de apoio, como APMF, associações de bairro, conselhos, e ong’s, desenvolvendo-se o ensino e a aprendizagem neste entremeio. A ideologização, como pensamento pré-estabelecido, aceito como verdade, foi encontrada não só na documentação pedagógica, como nas falas dos atores educacionais, nas mesas e nos murais espalhados pela escola.

Verificou-se, assim, que os gestores escolares e legisladores devem ter em mente a possibilidade de alteração da realidade dos jovens, que levam à melhoria das condições de aprendizado e desenvolvimento dos alunos, e retornam à sociedade pessoas mais bem preparadas para a realidade social e com uma visão de mundo diferente, esvaziando os bolsões de pobreza e paralização.

Os esforços dos gestores e trabalhadores da educação, defensores de quaisquer teorias educacionais, não podem ser empregados para a efetivação de interesses, que não sejam as metas estabelecidas pela comunidade. Seus esforços devem ser no caminho dos objetivos tidos como prioritários pelos sujeitos da educação, os alunos e a sociedade. Que não se desperdicem o empenho do pessoal e as verbas públicas, sempre escassas, para a educação ir atrás de objetivos que não apresentam sintonia com os planos estabelecidos e a vontade colegial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, C. (2015). *Trabalhando Valores e Conteúdos no Ensino Médio – Aprendendo Com a Teoria*. Petrópolis: Vozes.
- AREU, G. I. P. FOFONCA, E. (2014). *Integração das tecnologias e da cultura digital na educação*. Curitiba: CRV.
- BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. (1971). *L'Ecole Capitaliste (A escola capitalista)*. Paris: François Maspero.
- CAMPOS, M. M. (2016). *Escola e participação popular*. IN: Paro, V. H. Por dentro da escola pública. 4ª ed. São Paulo: Cortez (2016).
- CHIAVENATO (2014). *Introdução à teoria geral da administração*. Barueri: Manole.
- DEMO, P. (2015). *Aprender como autor*. São Paulo: Atlas.
- DUBNER, S. J.; LEVITT, S. D. (2005). 12ª ed. *Freakcomics – O Lado Oculto e Inesperado de Tudo que nos afeta*. Rio de Janeiro: Elsevier – Campos.
- FANFANI, E. T. (2011). *La escuela Y la cuestion social (a escola e a questão social)*. Buenos Aires: Siglo veintiuno.
- FULLAN, M. (2009). *Significado da Mudança Educacional*. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed.
- GUYAU, J. M. (2015). *Educação e Hereditariedade*. S. Paulo: Martins Fontes.
- IPEA; FBSP. (2018). Instituto de pesquisas econômicas aplicadas; *O atlas da violência no Brasil 2018 – Políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA.
- OHMAE, K. (2000). *O Fim do Estado Nação. A Nova Geopolítica de Um Mundo Sem Fronteiras*. São Paulo: Campus.
- RESENDE, L. M. G. (2009). *Relações de Poder no Cotidiano Escolar*. Campinas: Papirus.
- RODRIGUES, R. V. (2019). *Um Roteiro para o MEC — Artigo do Ministro da Educação de Bolsonaro*. Disponível em: <https://portaldeunião.com.br>. Acesso em 01.01.2019
- ROSA, C. (2004). *Gestão estratégica escolar*. Petrópolis: Vozes.
- SANTOS, I. E. (2016). 12ª ed. *Métodos e técnicas de pesquisa científica*. Niterói: Impetus.
- SAYÃO, R. (2016). *Educação sem Blá-Blá-Blá – Como Preparar Seus Filhos e Alunos para o Convívio Familiar, a Escola e a Vida*. São Paulo: Três Estrelas.
- SUHR, I. R. F. (2012). *Teorias do conhecimento pedagógico aplicado*. Curitiba: Intersaberes.
- TEODORO, A.; JEZINE, E. (2012). *Apresentação*. In: Teodoro, A.; Jezine, E. (orgs.). *Organizações Int. e modos de regulação das políticas de educação*. Brasília: Líber.